

Carta ao Snr. Dr. Abel Salazar

por ADOLFO CASAIS MONTEIRO

«Esta atitude, para muita gente, é impossível de compreender; para êsses, ou se é por uma coisa ou contra ela. Quando se entenderá o espírito crítico?»

ANTONIO SÉRGIO.

Ex.^{mo} Senhor:

A leitura da segunda carta que me dirigiu deu-me uma surpresa bastante desagradável: a de constatar que continua a não ver o que está contido bem claro, inventando-me intenções e opiniões que não tenho, esquecendo que nas minhas críticas não estava subentendida nenhuma doutrina por mim oposta à sua, ou às suas.

Reconheço toda a sua boa fé, toda a sua delicadeza, boa vontade, etc., mas tenho de lamentar que essas qualidades não lhe tenham evitado equívocos que por completo deformam as minhas intenções.

A situação é esta: censurei, digamos assim, um artigo de V. Ex.^a, não pelo que nele se dizia, mas precisamente por não se entender o que pretendia afirmar, nem a quem pretendia combater. Acentuei, desde o começo, que não me propunha discutir ideias. Tudo o que fiz, nesse artigo e no que se lhe seguiu, foi pôr dúvidas sobre a maneira como V. Ex.^a se exprimia, sobre a eficiência dessa luta contra um inimigo invisível; apresentei exemplos comprovativos do que afirmava e... não toquei em ideias, não belisquei sistemas, não combati ciências. Não o fiz por duas razões: a primeira é que não me interessava fazê-lo; e que me interessasse, bastava a segunda razão: a minha incompetência, para me proibir. Repugnou-me sempre falar daquilo que conheço imperfeitamente. E pelo que diz respeito, por exemplo, ao Neo-Positivismo da Escola de Viena, não obstante conhecer todos os livros—aliás folhetos—de Carnap, Schlick e Reichenbach que V. Ex.^a costuma citar, e em que se expõem fragmentos dessa doutrina, não encontrei neles bases suficientes, bases sérias para um juízo sobre o valor dela. Mas o que importa para aqui é que não o quis nem tentei fazer.

Mas de que serviu todo o cuidado que puz em vinciar bem o meu ponto de vista? Pois não ficou o sr. dr. Abel Salazar pensando que eu vinha em defeza da metafísica?! Mais ainda do que V. Ex.^a, se é possível, acho as polémicas ociosas; mas haverá aqui alguma polémica? Puz dúvidas de carácter metodológico—e em que vem falar-me? No método? Não—mas naquilo que comeci pondo de parte: o valor

do Neo-Positivismo! Mas, se de testa a polémica, como se compreende que esteja a provocá-la, tentando fazer de mim um adversário? Leio na sua última carta: «E, além disso, para defender a Metafísica, tem ainda o sr. dr. C. M. de se haver com os próprios metafísicos...» Pobre de mim, transformando a força em advogado daquilo que NÃO PODERIA defender. Já que, com tanta honestidade, procura fugir ao natural subjectivismo, não deixará por certo C., relembrando o que escrevi nos meus dois comentários, reconhecer que tentou enfiar-me uma carapuça que não me assenta nada bem, palavra de honra.

E que assentasse—bastava eu não ter feito qualquer defeza da metafísica para V. Ex.^a não ter o direito de imaginar o que eu não dizia. Imagine esta cena: numa exposição, um indivíduo exclama perante um quadro a óleo:—Não gosto nada desta aguarela! E eu, passando naquele momento, como amigo da exactidão que sempre fui, peço licença e elucido:—Olhe que está equivocado: não é uma aguarela, é um óleo. E que resposta ouço? Esta:—Ai o senhor acha este quadro muito bonito?! pois não é, e por isto, e por aquilo, etc. Eis o que se passou entre nós. V. Ex.^a pelo visto, não concebe que, sem ser para defender a metafísica, eu tenho achado impróprias as expressões com que mimoseou Heidegger!! Mas a sua pseudo-resposta à minha observação leva-me a estranhar agora muito mais a maneira como se referiu a êsse filósofo. Pois fala-se naqueles termos dum filósofo—sem o conhecer?! Então V. Ex.^a tem a certeza de que Carnap não pode ter errado?! Mas isso é mais grave do que aceitar a infabilidade do papa!

Com respeito a Teixeira de Pascoaes, a mesma cena: eu a achar impróprias aquelas expressões com que o mimoseou, e o sr. dr. Abel Salazar vir dizer outra vez que o S. Paulo não presta para nada. Confesso-lhe que não o entendo. Por favor, leia o que escrevi! Compentetre-se de que achar imprópria a maneira desprezível, como se lhe referiu não é, que me conste, dizer que o S. Paulo é um bom livro. E que vem fazer ali Carrel? São dêsse argumentozinhos sem pés nem cabeça, são tais abstrusas e despropositadas associações de nomes e obras que não vem para o caso, são essas e outras... fantasias, que dão ainda mais razão aos meus comentários, sr. dr. Abel Salazar. E' claro, eu estou daqui a ver a sua tão pseudo-ló-

gica maneira de... deduzir: se eu notei a maneira como se referiu a Teixeira de Pascoaes, é porque acho o S. Paulo um livro admirável; como traduzi o livro de Carrel... é porque o acho estupendo! E V. Ex.^a a esfregar as mãos de contente por tamanha agudeza! Veja que assim só consegue dar razão às minhas críticas; que assim só revela a falta de escrúpulo científico que já notei nos meus comentários; veja que assim só comprova melhor a minha convicção de que não é a pessoa mais indicada para reformar o pensamento e a filosofia em Portugal.

V. Ex.^a, sr. dr. Abel Salazar, espera que eu reconheça razão nos seus esforços em introduzir em Portugal a reforma do pensamento e da filosofia. Ora, se bem me lembro, os meus comentários mostravam claramente que não pertencio ao número dos que dão um fácil entusiasmo a quaisquer boas intenções. A boa intenção que preside a êsses seus esforços, não serei eu quem a ponha em dúvida. Mas «de boas intenções está o inferno cheio».

Pois que me levou a escrever aquele primeiro «comentário», senão o deparar constantemente, nos artigos de V. Ex.^a, graves defeitos que os tornavam inúteis, que anulavam as intenções que os tinham ditado—graves defeitos que se achavam sintetizados no artigo que motivou directamente a minha saída a terreiro? Defeitos da doutrina? Não, como já me esfalhei a afirmar. Mas sim defeitos de exposição, defeitos metodológicos, defeitos de redacção, defeitos do tom, etc. E a cada passo continuo a encontrá-los nos seus artigos. Coisa estranha! Noto-o precisamente em todos aqueles que contêm exposições do Empirismo Lógico, da Psico-Semática, etc. Não o noto nunca nos artigos e ensaios de crítica ou filosofia da arte, e em todos os que não tem por objecto a exposição de sistemas (por exemplo, o XIX da série em publicação no semanário «O Diabo»). De crítica e filosofia da arte, bastará citar o admirável estudo sobre Pousão. Será de mim, será subjectivo êste notar de diferenças tão profundas? Hipótese absurda, como à primeira vista se verifica. Tenho pois de concluir que é o sr. dr. Abel Salazar que não é o mesmo quando escreve uns e quando escreve outros, e que lhe faltam para uma das actividades os dons que lhe sobram para a outra. Note-se: as duas conferências que pronunciou em 1934—A posição actual da ciência, da filosofia e da religião e A posição actual da ciência e da filosofia—

P A G Ã !

Quando em manhãs de Maio, o sol brilhando
Belja os fofos tapetes de relvado,
Tenho o desejo louco e embriagado
De me deitar nas ervas, rebolando.

E no macio verde, morno e brando,
Aqui e além mordido e amarelado,
Ficar de bruços, rosto mergulhado
Nos afagos que a brisa vai soprando...

A relva se abre em sulcos e se dobra
Como o dorso ondulante duma cobra,
Como as ondas tranqüilas das correntes,

E eu sinto-lhe a volúpia verde escura
Quando cheia de raiva e de ternura
A prendo na carícia dos meus dentes!

V E R S O S D E L Y G I A

considero-as tão dignas de aprêço como, por exemplo, o citado estudo sobre Pousão. Mas lá está: nelas, V. Ex.^a afasta-se de qualquer dogmatismo estreito, condena-as até. Encontro, por sinal, numa delas, condenada a atitude por V. Ex.^a agora assumida: «... esta luta e esta oposição (entre o espírito metafísico e o espírito científico), di-lo a história, é a própria condição genética da marcha geral do pensamento filosófico, e esta oposição mantem-se hoje, como se manterá sempre, a não ser que qualquer circunstância imprevista se apresente». Modificou-se o pensamento de V. Ex.^a, ou o calor da propaganda fê-lo traír uma ideia que ainda tenha como verdadeira? Nos recentes artigos de V. Ex.^a, principalmente naquelles onde expõe o Neo-Positivismo, nota-se um desagradável tom polémico e um simplismo na negação, uma ingenuidade na liquidação dos mais complexos problemas, que não ousou atribuir aos pais da doutrina. V. Ex.^a confunde a afirmação com a prova. Assim, ainda não mostrou um único exemplo do processo pelo qual se averigua que a metafísica é «destituída de sentido». Como se explica que para exemplificar formas de pensamento (o «psicológico», entre outros) dê exemplos que... não são pensamento?! Etc. Dirá nesta altura V. Ex.^a: mas então está agora a atacar o Neo-Positivismo! Mas devagar: não posso acreditar que os Carnap, os Schlick, etc., não tenham razões sérias para nos convencer. Mas como julgar, se os folhetos que o sr. dr. cita—e não conheço coisa melhor, não lendo o alemão—são simples exposições dos resultados? E' impossível, evidentemente, que os trabalhos da Escola de Viena se reduzam aos folhetos das *Actualités Scientifiques et Industrielles*!

Mas voltemos à última carta de V. Ex.^a Tenho a impressão

—antes a não tivesse!—de que agarrou pelos cabelos a ocasião para expôr mais uma vez o Neo-Positivismo. Como não o julgar, se V. Ex.^a, para esclarecer que a sua intenção não é «uma simples divulgação de quaisquer ciências», descobre este inaudito processo: expôr o Neo-Positivismo?! Que é que aquilo esclarecia? Considera V. Ex.^a delicado esse processo—a modos de apanhar uma pessoa no vão duma janela e contar-lhe a nossa vida desde criancinha? Enfim, V. Ex.^a acha com certeza tais processos naturais e legítimos. Eu não. Maneiras diferentes de ver as coisas.

Deixei para o fim o que diz respeito a Leonardo Coimbra. Declaramente, V. Ex.^a compraz-se em jogar às escondidas. Peço-lhe que LEIA o que vou escrever: parece que V. Ex.^a se sente agravaado por Leonardo Coimbra. Mas nem eu, nem ninguém, tem nada com isso, na medida em que se discute a sua obra, e o seu valor como filósofo, orador, professor, etc. Quere-me parecer que as ofensas que determinada pessoa me possa ter feito não entram em linha de conta para apreciar o valor da obra, a inteligência, a cultura, as ideias dessa pessoa. Diz-me que «não tem ódio ao falecido dr. Leonardo Coimbra». Chamie-lhe outra coisa se quiser—mas não queira fazer de mim cego querendo-me convencer de que, por exemplo, o artigo que sobre ele publicou no n.º 80 da revista *Pensamento* era um trabalho de crítica imoanacial.

Pnefere que eu diga que lhe tem má vontade? Pronto! Talvez V. Ex.^a vá por vezes mais longe do que era sua intenção? Mas nós, leitores, temos de julgar pelo que vemos, não podemos adivinhar que a intenção que tinha ao escrever o referido artigo, por exemplo, não era a de insultar com os termos mais violentos e agressivos quem acabara de morrer. Ainda nesta sua última

carta eu leio que Leonardo Coimbra era «de uma falta de seriedade intelectual e moral completa». Mediu bem o alcance destas palavras? Reparou no que elas querem dizer? Ouso esperar que não. Ser-me-ia doloroso ter de considerar o sr. dr. Abel Salazar autor consciente de tal frase, como do artigo do *Pensamento*. Ai tem exemplificados, neste artigo, vários dos defeitos que não se cansa de censurar; porque não começa por combatê-los em si próprio?

E com isto dou como concluída, pela minha parte, esta troca de comentários e de cartas a que V. Ex.^a, imprópriamente, chamou polémica. Ficarei por aqui—a menos que sejam mais uma vez deturpadas as minhas palavras.

E, creia-me, sr. dr. Abel Salazar: lamento todas as possíveis e prováveis más interpretações que a seu favor, ou em meu, bem e mal intencionados se lembrem de dar a esta troca de pontos de vista, exagerando-os ou deformando-os. A V. Ex.^a tenho a pedir que me leia com atenção, e não queira procurar segundos sentidos onde os não há—porque sou assim feito que escrevo o que penso e sinto, sem alardes hipócritas de admiração nem polémicas amplificações das discordâncias.

Creia-me, pois, seu admirador quando o devo ser, e adversário quando me parece necessário.

10 de Maio de 1937.

Adolfo Casais Monteiro.

P. S.—Por razões várias esta carta só foi enviada para a redacção de «Sol Nascente» depois de publicada a 3.ª carta de V. Ex.^a. Parece-me oportuno lembrar a V. Ex.^a que essa 3.ª carta só confirma o que acima affirmei sobre o nada que tenho com o que nela escreve. Carta porquê, e dirigida a mim porquê?!

18 de Maio.

A. C. M.